

Editorial

Analisar o discurso é fazer desaparecer e reaparecer as contradições; é mostrar o jogo que jogam entre si; é manifestar como pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhe uma fugidia aparência (FOUCAULT¹, 1986, p. 87).

Ao problematizar a matéria da análise do discurso, Foucault (1986) nos possibilita refletir sobre a constituição também fugidia do objeto “discurso”, que, segundo ele, se funda nas contradições. O discurso nada mais seria do que o reconhecimento de que a linguagem tem uma dualidade constitutiva e que a compreensão do fenômeno da linguagem não deve ser buscada apenas na lingual como algo material, mas nas suas entradas subjetivas e sociais que estão para além da parte material do discurso. Ele também, portanto, é o lugar de investimentos sociais, históricos, ideológicos, psíquicos, por meio de sujeitos que interagem em situações concretas.

A partir dessa reflexão, apresentamos a edição da *Mal-Estar e Sociedade* n.7 como um discurso que desde a sua primeira edição busca se consolidar como um espaço profícuo para nossos investimentos acadêmicos.

A *Mal-Estar e Sociedade* mais uma vez se materializa pelo conflito, pelo contraste, pela contradição temática de sujeitos e de instituições que linguisticamente orquestram seus próprios discursos, mas que escolhem esta revista como espaço de divulgação de seus posicionamentos sobre a educação e de uma forma mais ou menos ampla sobre a academia.

Estruturamos para vocês leitores os textos de nossa sétima edição a partir dos conflitos e contradições que unem e separam os artigos e os autores que a compõem, sabendo que essa organização leva mais que a subjetividade editorial,

¹FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Petrópolis: Vozes; Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1986.

mas também, um lugar social que nós professores-pesquisadores do núcleo Educação, Subjetividade e Sociedade vimos conquistando em nossas discussões.

Os dois artigos que abrem esta edição utilizam a análise do discurso como referencial teórico-metodológico para discutir a construção da subjetividade, como ela cria imagens sociais contemporâneas e vice-versa. Em *Depressão e felicidade: questões contemporâneas*, Fernanda Luzia Lunkes reflete sobre dois conceitos conflituosos: felicidade e depressão. A autora busca uma análise de como esses conceitos estão relacionados a algumas práticas discursivas que circulam na sociedade e como eles marcam fortemente o imaginário na contemporaneidade. Do outro lado, no mesmo contínuo, *Saúde, sofrimento e estresse na profissão docente*, de Patrícia Rosânia de Sá Moura. A autora propõe a busca pela compreensão dos processos de saúde e estresse dos professores do ensino superior da rede privada. Nesses dois artigos, o subjetivo e o social se afastam e se aproximam, sendo esse o elemento de fundamental contradição que os une.

Os próximos dois artigos *As tendências crítico-reprodutivas e Louis Althusser: (re)produção do conhecimento?*, de Paulo Augusto Bandeira Bernardino, e *Educação distante: reflexões acerca da corporeidade nas práticas de educação a distância no contexto do paradigma educacional emergente*, de Josemir Medeiros, convergem na temática educacional, mas refletem sobre o contraditório entre a (re)produção do conhecimento e a possibilidade da aplicação de um paradigma emergente de educação na contemporaneidade. O primeiro questiona se a escola, na perspectiva das tendências crítico-reprodutivistas, apenas reproduz as relações de produção capitalistas e busca respostas na forma como Louis Althusser compreende a educação. O segundo aponta, como diz o próprio autor, uma possível contradição entre uma educação moderna, centrada na tecnologia, e a impossibilidade de se considerar a corporeidade do aluno em função da distância física entre o professor de educação

a distância e seus alunos, o que poderia ser considerado como uma volta à tão criticada educação bancária, definida por Paulo Freire.

Os dois últimos artigos se aproximam e se afastam, pois de forma direta ou indireta nos fazem refletir sobre o papel da pesquisa bibliográfica e suas possíveis consequências na concretização de uma proposta para a estruturação de uma extensão universitária realmente comprometida com um repensar do seu papel social. Em *Joaquim Nabuco: um liberal na sociedade de corte*, Ricardo Bruno da Silva Ferreira analisa a trajetória política e intelectual de Joaquim Nabuco no contexto histórico do Segundo Reinado do Brasil, buscando um estudo da produção intelectual do autor no que tange às temáticas envolvendo o Liberalismo Político, a proposição de uma Monarquia Federativa, a reforma do Estado e da sociedade imperial e o Abolicionismo. Nesse trabalho de cunho bibliográfico, percebemos que o autor nos remete à importância política e histórica de Joaquim Nabuco no Segundo Reinado, dando atenção especial à temática escravista.

No extremo “oposto” da pesquisa bibliográfica, temos a extensão. Processos que segundo nossa abordagem são inseparáveis para se pensar a universidade contemporânea. O último artigo das professoras Ana Lucia de Paula Ferreira Nunes e Maria Batista da Cruz Silva, da unidade de Frutal da UEMG, *A extensão universitária no ensino superior e a sociedade*, destaca a importância da extensão universitária no ensino superior, buscando compreender a importância da universidade, rever suas formas de atuação e sua forma de interagir com a realidade que a rodeia. Assim como as autoras, acreditamos que só avançaremos nas discussões em busca de uma solução para a problemática da educação em nosso país quando, na universidade, a articulação pesquisa-extensão for uma prática constante.

Encerramos nossa edição com a resenha *Memórias de esquerda: o movimento estudantil em Juiz de Fora de 1974 a 1985*, produzida pelo professor David Sad, que apresenta

intrinsecamente a instalação de um conflito fundante no discurso do movimento estudantil.

Por ser a Mal-Estar e Sociedade lugar de investimentos, contamos desse ponto em diante com vocês leitores e suas análises, que de formas diferentes vão se tornar sentidos na medida em que fizerem aparecer e reaparecer nossas próprias contradições.

Agradecemos as parceiras: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), que possibilita o funcionamento do núcleo de pesquisa Educação, Subjetividade e Sociedade; Fundação Renato Azeredo (FRA), que disponibilizou e gerencia os recursos da revista Mal-Estar e Sociedade e finalmente os funcionários da Editora da Universidade do Estado de Minas Gerais (EdUEMG), que não poupam esforços para que nossa publicação mantenha sua qualidade técnico-acadêmica.

Janáina de Assis Rufino